



APRESENTAÇÃO

DIÁLOGOS PARA A BONITEZA HUMANA

Apresentar os diálogos desta Revista, pautada nas **VIVÊNCIAS NO ESPAÇO ESCOLAR**, não provoca simplesmente um sentimento de orgulho. Expressa um privilégio de estarmos juntos na socialização e democratização do conhecimento produzido na academia por nossos alunos e alunas do Curso de Pedagogia, *Campus* Universitário de Sinop, de nossa Universidade do Estado de Mato Grosso (UNEMAT).

Este número da Revista provoca questões voltadas à vida. E sua temática por si mesma é um convite para problematizar as vivências do **SER MAIS**, no sentido Freireano, porque faz da vida a própria vida como condição da prática e da ética humana.

Embora os artigos estejam centrados em um determinado objeto, com posições teórico-metodológicas distintas, cada leitura de realidade traduz, e se traduz, as histórias das pessoas neste mundo e diante dele, individual e coletivamente. É visível que as leituras produzidas não são de contemplação, mas de encontros, de vidas “recheadas” de esperança do novo, de superação. E é desta aurora ideológica, tomando de empréstimo novamente o conceito de Paulo Freire, que se embeleza “os lugares que vivemos”, justamente pelo devir que somos capazes de produzir e construir. Isso porque trata da “**BONITEZA**” da humanidade.

“A história a teu respeito”, como Marx já disse, não é apenas o que foi, mas do que será, diante de tantos desafios que se apresentam em uma realidade condicionada pela mercadoria. Esta tenta ditar a cada segundo nossas relações, seja nos momentos particulares de nossa afetividade, seja nos espaços de um coletivo, como são os escolares - temática privilegiada neste momento da Revista.

Mas a vida pelo seu devir está prenhe de uma humanidade sem exploração, sem destruição da vida. E aqui não há como não deixar de sublinhar que o lançamento deste número da Revista se dá em um tempo histórico de protestos nas ruas de nossas cidades. De um povo que, mesmo com dificuldades de vislumbrar qual é o caminho possível da mudança urgente de uma sociedade de profunda desigualdade, está se firmando contra as desesperanças desenhadas ao longo da história. Esta sociedade antagonica – antagonica não porque tem

interesses diversos, mas porque se opõe em luta consciente ou não – na qual os privilégios de uma minoria vêm produzindo os “condenados da terra”. Este conceito foi talhado por Frantz Fanon na luta contra o colonialismo francês na Argélia. Embora refletindo a dinâmica pessimista da luta travada entre o colonizador e colonizados, “condenados da terra” tem valor conceitual histórico-dialético. Mesmo diante de toda violência material e espiritual produzida na Argélia, no século XX, pelo colonizador e pelo próprio colonizado, por reproduzir os interesses do colonizador, se institui como uma força da negação e de luta contra as desesperanças. A negação da vida dos colonizados pelo colonizador, que produziu “os condenados da terra”, se tornou, no mesmo movimento, o motor da transformação e luta contra os colonizadores.

No Brasil, os “condenados da terra” têm vários rostos: os dos mendigos, dos favelados, das crianças, das mulheres, dos idosos. Rostos marcados por uma ordem material de profunda desigualdade humana e pela violência da mão do Estado capitalista. Hoje, mesmo diante de um movimento popular difuso, ele se apresenta como símbolo das esperanças que alimenta nossos espíritos. Cremos que a esperança que começa a ser “semeada” para o devir tem necessariamente a “boniteza” da humanidade, como capaz de imprimir novas referências para frear e superar a opressão do lucro: um lucro que silenciosamente parece não deixar lugar para o novo e que faz a igualdade ser apenas uma forma. E que é efetivamente irrealizável na prática porque se baseia na mentira do direito que tenta “sugar” nossas almas e se alimentar de nossa carne: a dos “condenados da terra”, dos trabalhadores e seus filhos.

Quando tratamos das vivências produzidas nos espaços escolares também são essas lutas que “miramos”. Da necessidade urgente de superação das formas de opressão e de violência que tacitamente operam na vida dos professores, dos alunos, dos pais, de todos os sujeitos que dão vida à escola. E conviver nesse espaço e compondo-o, nos damos conta dos impedimentos e das tentativas de negar os sujeitos, que, com vários matizes, negam o conhecimento crítico e criativo, negam práticas capazes de subsidiar o SER MAIS e a BONITEZA de nossa humanidade. Mas também pela mesma tentativa de negar seus sujeitos, imprimindo o silêncio, a violência camuflada de disciplina e de obediência, de uma escola “improvisada” para atender os interesses dos dominadores, que nos provocam a luta, a denúncia, a resistência e, também, a emergência da esperança do devir.

A realidade é passageira, transitória, porque é histórica... Sua luta, minha luta, nossa luta... São desses movimentos que vemos não só o número desta Revista, mas da existência dela há três anos, quando a professora Cristinne Leus Tomé – lado a lado com nossos

acadêmicos e acadêmicas – assumiu a tarefa de democratizar e socializar os conhecimentos produzidos nas vivências de pesquisa de nossos alunos e alunas. E acima de tudo, situando-os como sujeito do conhecimento e da própria realidade, levando-os, pelos diálogos de suas pesquisas, a vislumbrar alternativas, mesmo que pontualmente. Por isso, é significativo apresentar este número da Revista: pela sua BONITEZA e por SER MAIS que sempre se anunciam no devir de nossa história, porque alimentam nossas esperanças para superar os “algozes” – ora escondidos em seus discursos da ordem e nas “máquinas das instituições”, ora desfilando seus luxos como se fossem indiferentes a qualquer coisa. O DEVIR, que não cessa de se anunciar contra as práticas de violência, nos provoca para a prática da transformação. Por tudo isso e muito mais, PARABÉNS aos autores e autoras de mais este número de NOSSA REVISTA, porque situamos NOSSA HUMANIDADE QUE NÃO É APENAS DISCURSO: É RECHEADA DE BONITEZA E DE DEVIR.

Marion Machado Cunha¹

Adil Antônio Alves de Oliveira²

Sinop, 01 de julho de 2013.

¹ Graduado em História pela Faculdade de Filosofia, Ciências e Letras Imaculada Conceição. Mestrado em Educação pela Universidade Federal de Santa Maria (UFSM). Doutor pela Faculdade de Educação (FACED) da Universidade Federal do Rio Grande do Sul (UFRGS). Professor concursado em Metodologia Científica do *Campus* Universitário de Sinop.

² Mestre em Educação pela Universidade Federal do Rio Grande do Sul. Professor concursado em Psicologia da Educação do *Campus* Universitário de Sinop.